

VÍDEO MIDAS E OURO DE TOLO (ARCADAS)

Armando Queiroz

“Depois de morto, roubaram-lhe a dentadura. Eis o nosso rei destronado, devolvido à sua solidão, fraco e pobre como o mais fraco e mais pobre dos seres.”*

Miséria, hanseníase e abandono espreitam Serra Pelada quase trinta anos depois do início da febre do ouro. Restaram casebres abandonados, pessoas perambulando, qual mortos-vivos numa cidade fantasma, ao redor de um grande lago contaminado de mercúrio, o oco. Restaram velhos aposentados, mulheres e a prostituição infantil. O índice de HIV é altíssimo. O gigante ameaçador, percebido no clima tenso do local, está presente a todo o momento. O gigante quer terra, o gigante quer expulsão, o gigante tem papéis e advogados, o gigante tem anuência do Estado. O garimpeiro tem apenas uma amarfanhada carteirinha de autorização de exploração de minério, e muita vergonha da sua atual situação. O garimpeiro tem ao lado de si muitas cooperativas, nem todas bem intencionadas. Muitos não deixam o local simplesmente por vergonha, não teriam condição de encarar seus familiares tantos anos depois sem nada nas mãos. Regra geral ouvir que sairão sempre pior do que chegaram. Dos poucos que ainda exploram o minério, pouco ou nenhuma esperança. O olhar de um gaúcho à espera de um hipotético sócio - com dois meses de máquinas paradas -, e de um também hipotético veio riquíssimo debaixo de poucos metros de rocha, diz tudo.

Noventa mil homens, como insetos de uma gigante colônia a céu aberto, tiveram a capacidade de revolver inteiramente uma montanha! A montanha foi a Maomé! A montanha curvou-se ao desejo e a cobiça: Cobiça a mãe-rainha deste gofento formigueiro, deusa filicida. Rabos de dinheiro, viagens de teco-teco onde o passageiro era apenas um chapéu prosaicamente esquecido. Mulheres, cachaça e muita coragem. “Bamburrar” foi para poucos, manter a fortuna para pouquíssimos. Muita morte ocorreu para que a montanha mantivesse suas vísceras a mostra. Reza a lenda dos garimpeiros que montanha que não é banhada por sangue, ouro não brota.

Muita expectativa, pouca esperança. É comum a todos que vão a Serra Pelada perceber que aquele momento é um momento especial, algo de positivo irá acontecer brevemente. Vã expectativa! Tudo retorna ao mesmo lugar: o lugar da espera, da desesperança. Como tatus cegos que fuçam incessantemente a terra estes homens não abandonam o sonho do ouro. Aquela cava submersa é

ainda o jardim de rosas onde Midas acolheu o velho sátiro Sileno, mestre e pai de Ovídio.

A morte paira na atmosfera de tudo. Por que fazer um vídeo de Serra Pelada e seus mortos-vivos? Reter suas dentaduras, suas bocarras? Por que gravar, aprisionar, a ira de Baco vingativo? Estas boca-ânus ancestral. Prazer e gozo. Lembrança de fezes e chocolate. Insetos e morte. Devoradora criatura que se deixa devorar sem fim, mãe-rainha deste golfento formigueiro. Por que aprisionar a irá do Baco ancestral? Uma ode aos primeiros vermes-insetos que irão comer minhas carnes frias. Seremos nós os garimpeiros cegos a fuçar a lama da cobiça? Onde estarão as rosas do jardim? Seremos nós o gigante ameaçador? Ou seremos todos o Midas eterno - orelhas de burro-, em miséria, lepra e abandono.

*Comentário sobre o personagem Boca de Ouro da peça homônima de Nelson Rodrigues. IN: http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/Contemporanea/Nelson_Rodrigues_O_Boca_de_Ouro_resumo.htm